



REPRESENTAÇÕES DO TRABALHO ESCRAVO CONTEMPORÂNEO: análise das formas de identificação de um grupo de educadores maranhenses junto à temática a partir da metodologia do programa *Escravo, nem pensar!*

Ariadna FERREIRA¹⁵
Flávia de Almeida MOURA¹⁶

RESUMO: O estudo objetiva apresentar os resultados de pesquisa realizada junto a um grupo de educadores maranhenses, público da formação do programa *Escravo, nem Pensar!* (ENP!). A pesquisa traz aspectos que apontam as formas como esse grupo se identifica com a temática do trabalho escravo contemporâneo a partir das representações dessa última nos materiais disponibilizados pelo ENP!. São ainda levantadas, no bojo desses resultados, as discussões teóricas sobre representação e identificação (HALL, 2003, 2007, 2010).

PALAVRAS-CHAVE: Trabalho Escravo Contemporâneo. Programa *Escravo, nem Pensar!*. Representações. Identificação.

ABSTRACT: This paper aims to present the results of a research carried out with a group of educators from the state of Maranhão, target group of a training of the *Escravo, nem Pensar!* (“Slavery, No Way!”) program. The research brings aspects that show the forms how this group identifies with thematic of modern slavery from representations of this same thematic in the materials made available by the “Slavery, No Way!”. The theoretical discussion about representation and identification are still raised in the context of these results (HALL, 2003, 2007, 2010).

KEYWORDS: Modern Slavery. “Slavery, No Way!” Program. Representations. Identification.

¹⁵ Graduada em Comunicação Social pela UFMA. Membro do Observatório de Experiências Expandidas em Comunicação (ObEEC) e do Projeto de Pesquisa “Representações do trabalho escravo contemporâneo a partir da mídia: olhares de trabalhadores e do movimento social (2015-2017)”. E-mail: arimate100@gmail.com.

¹⁶ Orientadora do trabalho. Professora do Departamento de Comunicação Social da UFMA. Mestre em Ciências Sociais e Doutora em Comunicação. E-mail: flaviaalmeidamoura29@gmail.com.

1. Sobre a metodologia da pesquisa

O estudo apresentado é parte dos esforços de pesquisa empreendidos no campo da Comunicação e dos Direitos Humanos e que têm buscado compreender e reforçar o uso das estratégias, metodologias, teorias e ferramentas da comunicação no combate e prevenção ao trabalho escravo contemporâneo. Destaca-se aqui a atuação do Programa *Escravo, nem Pensar!*, um híbrido de educação e comunicação, que atua na prevenção e combate ao trabalho escravo contemporâneo, realizando formações e oficinas em direitos humanos para educadores e líderes comunitários em regiões vulneráveis ao aliciamento para o trabalho análogo ao escravo. A pretensão é de que os formandos tornem-se multiplicadores da temática do trabalho escravo em suas comunidades.

O *ENP!* tem hoje mais de 10 anos e é uma iniciativa da ONG Repórter Brasil¹⁷ em parceria com a Secretaria Especial dos Direitos Humanos; o programa realiza, ainda, festivais e concursos com a temática do trabalho escravo e assuntos correlatos e tornou-se referência na produção de fascículos, livros, cartilhas, jogos digitais, vídeos, programas de rádio, entre outros.

O Maranhão está entre os estados brasileiros com maiores índices de trabalho análogo à escravidão: é o principal emissor de migrantes que, posteriormente, acabam explorados como trabalhadores escravos e, também, ocupa o quinto lugar no *ranking* estadual por número de trabalhadores libertados. Esses índices explicam a atuação do *ENP!* no Estado.

O *Escravo, nem Pensar!* já esteve por diversas vezes no Maranhão, mas no breve espaço desse artigo nos interessa dar ênfase à formação em nível estadual para educadores da rede estadual de ensino, ocorrida em encontros espaçados, durante o intervalo de um ano – uma parceria com a Secretaria de Estado da Educação (Seduc). A formação foi a oportunidade de realização de observação participante¹⁸ e o espaço onde mais ricamente se gestou a produção do objeto pesquisado, o qual seria perceber como os públicos das formações se identificam com a temática do trabalho escravo contemporâneo a partir das representações disseminadas pelo *ENP!*.

¹⁷ A ONG Repórter Brasil é uma organização de comunicação e projetos sociais, criada em 2001, e formada por jornalistas, cientistas sociais e educadores, com atuação nos eixos de jornalismo social, projetos de educação e comunicação, combate à escravidão e pesquisa sobre agrocombustível.

¹⁸ Metodologia de pesquisa na qual o pesquisador insere-se no grupo pesquisado, participando, com maior ou menor intensidade, das atividades por ele desenvolvidas. (PERUZZO, 2005)

A supracitada formação ocorreu em setembro de 2015 para cerca de 40 educadores, representantes das Unidades Regionais de Educação (UREs) de Açailândia, Balsas, Codó, Imperatriz, Santa Inês, São João dos Patos e São Luís. O momento de inserção no grupo de educadores possibilitou participar das atividades, bem como acompanhar e viver, em menor ou maior grau, as situações concretas que envolviam o objeto investigado (PERUZZO, 2005). Viabilizou, ainda, o contato com os recursos utilizados pela equipe do *ENP!* e com a metodologia de formação, até então, só conhecidos nas publicações.

Em observação à rotina dos educadores durante formação, verificou-se que boa parte deles já tinha ouvido falar de trabalho escravo contemporâneo, mas o que o decorrer dos dias (de formação) foi revelando é que muitos ali só conheciam trabalho escravo mesmo de nome; poucos sabiam suas características e configurações. Também se percebia, em algumas falas e indagações, certa confusão entre trabalho escravo e infrações trabalhistas; houve, inclusive, uma participante que em sua intervenção citou um exemplo de “situação de trabalho escravo” envolvendo funcionários do comércio, dizendo que estes trabalhavam mais de oito horas por dia sem direito à hora extra; essa intervenção surgiu no momento em que se falava de jornada exaustiva¹⁹ – um dos elementos que caracterizam o trabalho escravo em seu conceito atual; notando tal confusão, a equipe do *ENP!* empenhou-se em estabelecer diferenças e distâncias entre uma coisa e outra, buscando elencar as características que configuram o trabalho escravo e as diferenciar de casos de infração trabalhista, frisando que para o enquadramento de trabalho escravo é necessário que se reúna uma série de elementos que o caracterizam e não apenas um.

Outro ponto evidente foi a predileção dos participantes pelos recursos de linguagem visual utilizados na abordagem do conteúdo; o que se viu na formação com os educadores maranhenses foi um maior envolvimento, ou mesmo, uma maior sensibilização na busca por compreender a problemática, quando da assistência a vídeos sobre o assunto, que mostravam, em sua maior parte, ações de fiscalização dos auditores do trabalho no resgate a trabalhadores escravizados. Era após a assistência aos vídeos que ocorriam as intervenções mais acaloradas e que algumas vezes ouviram-se frases do tipo: “Ah! Agora eu sei o que é

¹⁹ Trata-se de uma jornada de trabalho em que o tempo de descanso não é suficiente para que a pessoa consiga recuperar suas forças para a jornada seguinte, por causa do desgaste provocado pelas condições de trabalho [...]. Há casos em que o descanso semanal não é respeitado. As jornadas podem ir de segunda a segunda, com poucas horas de descanso. Assim, o trabalhador também fica impedido de manter vida social e familiar. (LIVRO *ESCRAVO, NEM PENSAR!*, 2012, p. 30).

trabalho escravo!” ou “ei, o ‘fulano’ já foi pra o trabalho escravo!”.

Foi fazendo essas e outras observações, que foram sendo traçados os instrumentos de pesquisa aplicados posteriormente: a entrevista com os coordenadores do Programa, Natália Suzuki e Tiago Casteli, e a aplicação dos questionários junto aos educadores. Era preciso corroborar ou refutar as impressões gestadas durante a inserção e obter outras informações para melhor responder ao problema da pesquisa. Nesse sentido, pensou-se, primeiramente, em proceder à aplicação de questionário junto aos educadores, mas sob sugestão da professora Flávia Moura, orientadora da pesquisa, foi elaborado de antemão um roteiro de entrevista com os coordenadores do *ENP!*. O que vislumbrou a professora fora que a entrevista, assim como a observação participante, orientaria a confecção do questionário. Foi essa uma decisão acertada, pois sendo os coordenadores os ministrantes das oficinas, as impressões, as observações que captavam e os retornos obtidos dos participantes seriam mais e importantes elementos a compor o quadro hipotético de possíveis respostas ao problema. De fato, era necessário confrontar as impressões da pesquisadora com outros olhares, afinal, a pesquisa faz-se da dúvida e das suposições acerca dela.

A entrevista foi do tipo semiaberta²⁰ e apontou aspectos antes não flagrados, e outros que acabaram por reforçar as observações primeiras; procurou saber dos coordenadores o perfil do público do programa, sua extensão, os recursos mais utilizados e melhor aproveitados pelos multiplicadores. Posteriormente, e muito com base nos dados obtidos com a entrevista, foi elaborado um questionário com perguntas abertas e fechadas a fim de saber da identificação do público da formação com o tema trabalho escravo a partir das representações desse último nos recursos (materiais) utilizados pelo *ENP!*

2. A oficina de formação do *ENP!* em São Luís

Em setembro de 2015, entre os dias 22 e 25, ocorreu a oficina para educadores (gestores, professores e técnicos da Seduc) da rede estadual de ensino do Maranhão. Essa formação, segundo a coordenadora do *ENP!*, Natália Suzuki, fez parte de um processo maior, firmado numa parceria com o Governo do Estado por intermédio da Seduc, com vigência de 12 meses (junho de 2015 a junho de 2016).

Natália explicou que a escolha de trabalhar com os gestores das UREs ocorreu em

²⁰ Tipo de entrevista que parte de um roteiro base, semiestruturado.

face da necessidade de ganhar escala, em termo de extensão e alcance, uma vez que o Maranhão possui grande território e muitos são os municípios com focos de trabalho escravo. Como as UREs são uma espécie de braço da Seduc, responsáveis, cada uma, pelos municípios adjacentes ao município sede da Unidade, a seleção das unidades regionais de Açailândia, Balsas, Codó, Imperatriz, Santa Inês, São João dos Patos e São Luís mostrou-se estratégica por essas abrangerem grande parte dos locais com maiores índices de trabalho degradante.

À priori, formar-se-ia um grupo de 40 educadores, sendo uma média de três representantes de cada URE mais os técnicos da Seduc, e a proposta seria que esses se tornassem multiplicadores dessa formação, cada grupo se responsabilizando pela sua região, levando a temática do trabalho escravo para todas as unidades de ensino. Desse modo, seriam impactados 76 municípios, 378 escolas, 10 mil professores e 190 mil alunos.

Durante a observação participante, pôde-se melhor perceber a metodologia adotada bem como as formas de abordagem da temática do trabalho escravo contemporâneo e outros assuntos que lhes são correlatos. Sobre essa técnica de coleta de dados, Park, Becker e Geer assertam que, misturar-se às atividades cotidianas dos atores constitui o melhor meio de perceber suas práticas e interações, como também interrogá-los durante a ação (POUPART, 2010).

Sobre as impressões obtidas, chamou a atenção o fato de que, numa primeira abordagem, os coordenadores não falam diretamente de trabalho escravo, não começam conceituando, de imediato, o tema. Tal impressão foi confirmada na entrevista com Natália Suzuki; quando perguntada sobre a(s) forma(s) como o público se envolve com a temática da formação, ela nos respondeu que há todo um cuidado no processo de sensibilização para o tema e um deles é nunca iniciar já falando de trabalho escravo, uma vez que existe certa resistência em relação ao termo em alguns lugares e, em outros casos, porque as pessoas não acreditam que exista trabalho escravo, isto é, “elas acabam naturalizando situações de exploração como se já fossem dadas do contexto, acreditam que o que tá lá não é algo incomum, ou algo que seja exógeno, mas algo que sempre fez parte da realidade local.” (Fala extraída de entrevista com Natália Suzuki, realizada em 01 de março de 2016).

Segundo a entrevistada, a ideia é apresentar os temas (migração, condições degradantes de trabalho) de maneira que o próprio público da formação vá desconstruindo esse olhar naturalizado e que, fazendo sentido tudo o que ali vai sendo apresentado, ele

perceba que o trabalho escravo está presente em sua realidade local, identificando em situações que ele antes acreditava ser uma relação de trabalho legal, uma situação de degradância e de violação de direitos. Essa postura, além de propiciar a queda das vendas da naturalização, possibilita maior interação e interlocução com o público, que vai então perceber que conhece da temática do trabalho análogo ao escravo bem mais do que imaginava, e que apenas era incapaz de reconhecê-la.

Na formação, à medida que o tema ia sendo apresentado, primeiro com a dinâmica do relato da entrevista de um migrante²¹, depois com os vídeos de ações de fiscalização dos auditores do Ministério do Trabalho, com a criação de um personagem que reúne uma espécie de perfil do trabalhador escravo, com a montagem processual do ciclo do trabalho escravo, enfim, com toda essa metodologia, que é também, visual e imagética, o que pôde ser percebido foi a ocorrência de uma interlocução a partir do momento em que o que ali era dito e visto fazia sentido; quando se percebia que a temática ali abordada não era por eles (os professores da formação) reconhecida e, que, agora, olhando mais de perto, eles eram capazes de perceber, então, situações de trabalho escravo envolvendo parentes seus, alunos e/ou os pais desses.

Decorre de todo o processo de formação um esforço em sensibilizar, mas também em promover a identificação com a causa que mobiliza o programa, de maneira que, ao final da formação, o grupo de educadores desenvolva, ele mesmo, projetos ou planos de ação no intuito de multiplicar o tema, de fazê-lo chegar aos outros professores, aos alunos, aos pais desses, à comunidade.

3. Representações e as metodologias utilizadas pelo *ENP!*

Em suas reflexões sobre as representações, Stuart Hall (2003), na obra *Da diáspora*, explora primeiramente o conceito de ideologia para, então, formular discussões sobre a categoria Representação. Alicerçado pelas contribuições do filósofo Althusser, Hall (2003) acredita que na linguagem e no comportamento estão impressos os padrões ideológicos. Mediante essa ideia, para traduzir os padrões de pensamento dever-se-ia

²¹ O relato da entrevista de um migrante trata-se de uma dinâmica na qual é entregue a cada participante um roteiro de entrevista sobre o relato de um migrante; o participante responde a perguntas sobre um suposto migrante que ele conheceria; são perguntas que tratam da origem desse migrante, dos motivos dele ter migrado, de como ele se deslocou, do que ele esperava encontrar ao deixar o local de origem, da realidade no local de destino etc.

desconstruir ou analisar a linguagem e o comportamento. Nessa mesma assertiva, as ideias que as pessoas utilizam para assimilar e compreender o mundo social são as ideologias.

A linguagem e o comportamento são os meios pelos quais se dá o registro material da ideologia, a modalidade de seu funcionamento. Esses rituais e práticas sempre ocorrem em locais sociais, associados a aparelhos sociais. É por isso que devemos analisar ou desconstruir a linguagem e o comportamento para decifrar os padrões de pensamento ideológicos ali inscritos. (HALL, 2003, p. 173)

Sobre a representação, Hall, no ensaio *El trabajo de la representación*, diz que “a representação conecta o sentido à linguagem e à cultura”²² (HALL, 2010, p. 447, *tradução nossa*). Os conceitos que homens e mulheres têm acerca do mundo, as ideias, as representações mentais estão marcadas pela relação, uma relação que imbrica pessoas, coisas, eventos, discursos. O autor fala que são dois os sistemas de representação: um referente aos sentidos ou conceitos e outro referente à linguagem. É a linguagem elemento base da representação: “Representação é a produção de sentido dos conceitos em nossa mente mediante a linguagem”²³ (HALL, 2010, p. 447 a 448, *tradução nossa*). Relacionando os conceitos de representação à linguagem, ao sentido e à cultura, Hall (2010) aponta três principais teorias da representação: a reflexiva, a intencional e a construcionista, assinalando a última como sendo a melhor aceita pelos estudiosos contemporâneos dos estudos culturais. Segundo a primeira teoria, a linguagem apenas reflete um sentido que já existe no mundo; seria como afirmar que o sentido não está na linguagem, mas na coisa em si ou na pessoa. A reflexiva acredita que a produção de sentido dá-se mediante a intenção do falante ou escritor. A terceira teoria assera que o sentido é construído na linguagem e por intermédio desta; as pessoas comunicam os conceitos que povoam suas cabeças, seus mapas mentais acerca do mundo social, por intermédio da linguagem. Nesse sentido, a análise da representação dá-se com os exercícios da leitura e da interpretação: “[...] ‘captar o sentido’ deve implicar em um processo ativo de interpretação. O sentido deve ser ativamente lido ou interpretado”²⁴ (HALL, 2010, p. 460, *tradução nossa*).

Essa interpretação exige análise e leitura dos materiais simbólicos por onde circulam os sentidos ou significados: sons, palavras, figuras, imagens, gestos. Aqui reside a justificativa em acompanhar uma oficina de formação do *ENP!*; para que se tivesse condições de fazer o exercício de interpretação de que fala Hall, observando as metodologias e os

²² La representación conecta el sentido al lenguaje y a la cultura.

²³ Representación es la producción de sentido de los conceptos en nuestra mente mediante el lenguaje.

²⁴ [...] “captar el sentido” debe implicar un proceso activo de interpretación. El sentido debe ser activamente “leído” o “interpretado”.

materiais utilizados e, ao final, tentar avaliar o nível de compreensão por parte do público, isto é, se a temática faz sentido para aquele grupo, se ele acredita, então, que, partindo da hipótese de que antes não eram capazes de identificar situações de trabalho escravo, agora o são; e que, sendo capazes de identificar tais situações, eles acreditam que, sendo educadores, e já então apoderados do conhecimento sobre a temática, eles identificam-se com a metodologia e os materiais utilizados pela equipe de formação e que, dentro de suas rotinas, são capazes de multiplicar o conhecimento adquirido, adequando essa metodologia e didática a sua sala de aula e à comunidade local.

Na construção da temática do trabalho escravo, o *ENP!* faz uso de vídeos, figuras, fascículos, livros (impressos e digitais); são alguns desses materiais, algumas dessas linguagens, que são utilizados como base para os estudos de identificação com a temática em pauta.

4. Análise da pesquisa: a identificação com a temática do trabalho escravo

Hall (2007), no ensaio *Quem precisa de identidade?*, afirma que o conceito de identificação é um dos menos desenvolvidos pelos estudiosos da teoria social e do culturalismo. Nesse sentido é que ele aponta como caminho para a discussão de tão “ardiloso” tema, a busca por bases e fundamentações nos campos discursivo e psicanalítico. A ideia primeira, que é também a do senso comum, vai dizer que “a identificação é construída a partir do reconhecimento de alguma origem comum, ou de características que são compartilhadas com outros grupos ou pessoas, ou ainda a partir de um mesmo ideal” (HALL, 2007, p. 106). Contrastando com essa ideia mais naturalista, “a abordagem discursiva vê a identificação como uma construção, como um processo nunca completado” (HALL, 2007, p.106), isto é, ela nunca é determinada por completo, podendo dar-se tanto pela aproximação como pelo afastamento, dito de outra forma: a identificação pode ocorrer tanto pelo reconhecimento daquilo que é comum quanto por aquilo que é estranho, diferente.

Na observação participante realizada na formação com os educadores maranhenses, pôde-se perceber que o sentido a respeito do tema do trabalho escravo construía-se em cima da dualidade comum/estranho, aproximação/afastamento. À medida que se desenvolvia a abordagem sobre o assunto, os participantes se manifestavam dizendo, alguns, agora reconhecerem (identificarem) a existência de trabalho escravo em suas famílias, outros diziam reconhecê-lo em famílias de alunos ou nos próprios alunos. E quando, então,

acreditavam (os formandos) serem também vítimas do trabalho escravo, ou associavam situações de determinados trabalhadores²⁵ à escravidão moderna, percebiam então a diferença, e vinha o reconhecer de que confundiam escravidão contemporânea com infração trabalhista; e no jogo da diferença, na caracterização do trabalho escravo, percebiam e eram capazes de separar uma situação da outra.

O trabalho de campo ajudou a evidenciar essa ideia da construção do sentido na relação dialógica com o outro. E essa produção de sentido, na formação, foi ocorrendo de maneira processual, à medida que o tema era abordado, com a utilização de metodologias que faziam uso de recursos visuais (vídeos, figuras, livro digital), auditivos (músicas) e outros (fascículos, cartilhas). Dessa maneira, os participantes foram, por eles próprios, construindo uma representação ou representações do trabalho escravo, compreendida aqui a ideia de Hall (2010) de que a representação denota a produção de sentido dos conceitos – que povoam a mente – por meio da linguagem.

A pesquisa contou também com a aplicação de questionário junto aos educadores; a construção desse instrumento foi, em grande parte, orientado pelas respostas obtidas na entrevista realizada com Natália Suzuki, que apontou os melhores caminhos para chegar à formulação das perguntas que proporcionariam responder ao problema de pesquisa. Dos 40 participantes que receberam o questionário via correio eletrônico²⁶, 15 responderam. Assim, tem-se uma amostra que representa quase 40% do universo da pesquisa. Do total de respondentes, 87% são mulheres e 13% são homens, e têm entre 35 e 55 anos; todos possuem graduação e alguns têm, inclusive, mestrado e doutorado.

²⁵ Eles chegaram a citar os casos de vendedores de loja que, em muitos casos, mesmo trabalhando mais de 8 horas por dia, não recebem hora extra.

²⁶ Os questionários foram enviados mais de uma vez para os *e-mails*. Além disso, foi feito contato também pelo telefone na solicitação de que o questionário fosse respondido.

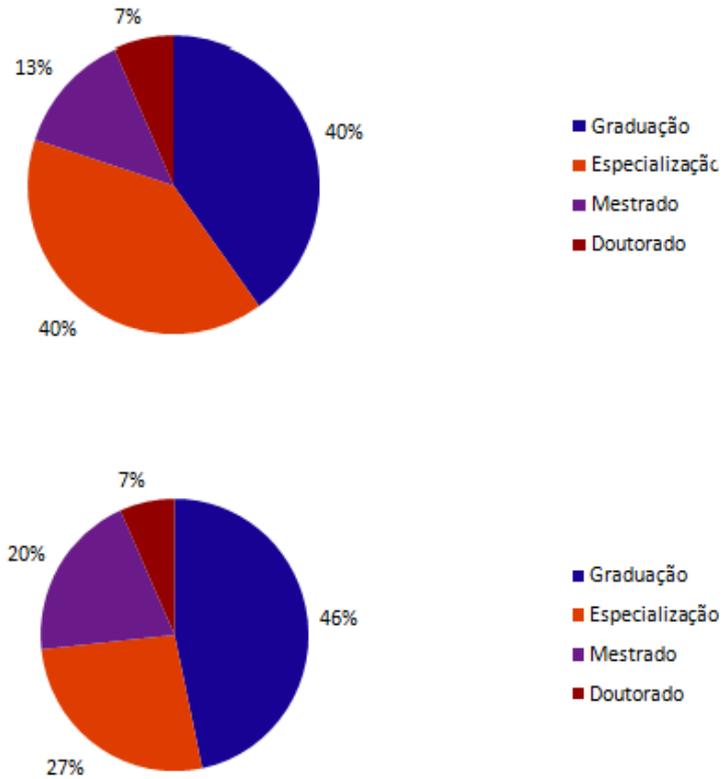


Figura 1 – Formação dos entrevistados - Fonte: pesquisa de campo

Perguntados se já conheciam o tema do trabalho escravo, a maior parte (73%) respondeu que sim, que já conhecia a temática do trabalho escravo contemporâneo antes mesmo da formação do ENP!; e um número bastante considerável respondeu que teve contato com o tema por intermédio da mídia.

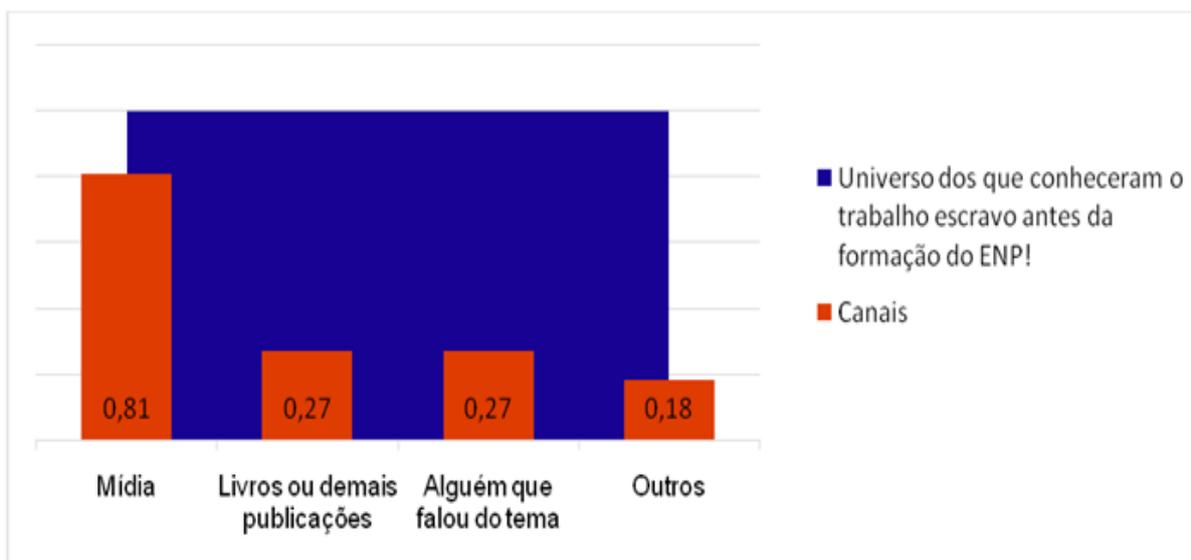


Figura 2 – Por intermédio de qual ou de quais canais conheceram o tema do trabalho escravo? - Fonte: pesquisa de campo

Esse resultado só reforça a conjuntura atual de influente participação da mídia na vida das pessoas. As pessoas ficam sabendo, mesmo que superficialmente, de diversos assuntos e problemáticas sociais por intermédio da mídia, daí a grande responsabilidade dos jornais, TVs, revistas, com a idoneidade no fazer comunicacional.

Dos mais de 70% que responderam já ter conhecimento do tema trabalho escravo contemporâneo antes da oficina, 81% disseram tê-lo conhecido através da mídia, enquanto que apenas 27% responderam conhecer o tema por meio de livros ou outro tipo de publicação; e esse mesmo número (27%) disse ter ouvido de alguém sobre o assunto. Um ponto interessante foi a opção Outros, com 18%. No questionário, essa opção trazia um espaço para que os respondentes citassem livremente quais seriam essas fontes por onde tiveram acesso ao assunto trabalho escravo; foram citados o CDVDH/CB e o *ENP!* em Açailândia (atuação do programa na cidade de Açailândia).

Passadas as questões mais introdutórias, partiu-se para o campo mais específico das “línguas”²⁷ utilizadas pela equipe do *ENP!* na abordagem da temática do trabalho escravo moderno, no intuito de sondar a identificação do público com as mesmas.

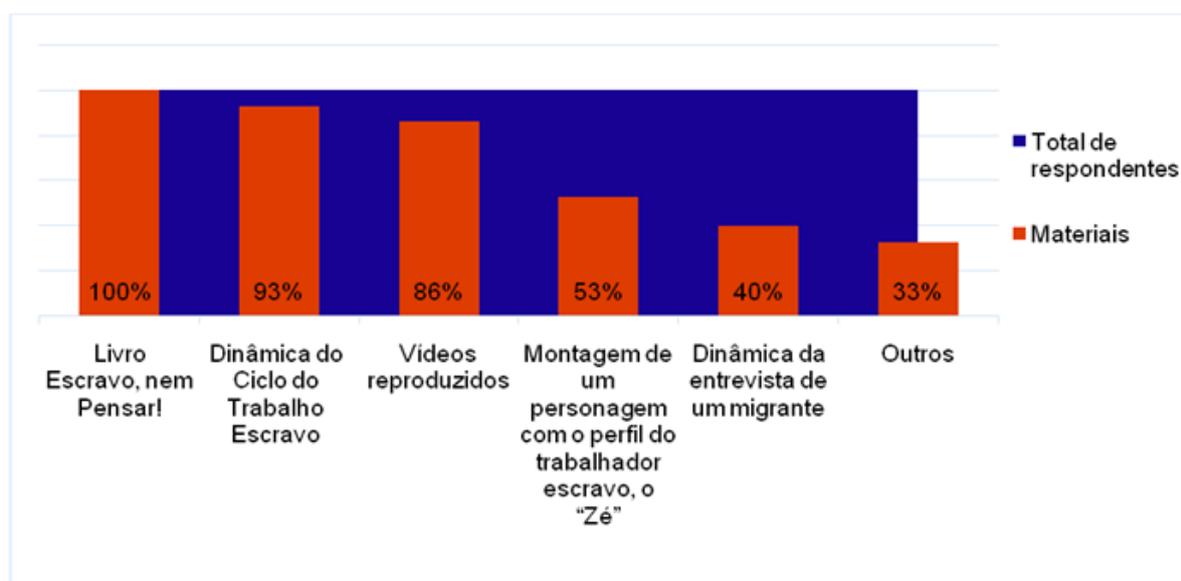


Figura 3 – Materiais do ENP! que podem ser “melhor aproveitados” na multiplicação das formações. - Fonte: pesquisa de campo

²⁷ As línguas aí compreendidas podem ser sons, palavras, figuras, imagens, gestos – Hall (2010). E, para a pesquisa em questão, compreendem as metodologias, os materiais utilizados na abordagem da temática do trabalho escravo pela equipe do *ENP!*.

Com base nos dados acima, percebe-se uma preferência por materiais que fazem uso da imagem e da ilustração. Além do livro *Escravo, nem Pensar!*, que aparece com 100% das seleções, dentre os materiais utilizados na abordagem do tema, a dinâmica do ciclo do trabalho escravo e os vídeos reproduzidos foram apontados como sendo alguns dos materiais a serem melhor aproveitados na multiplicação do tema, com 93% e 86% de aprovação, respectivamente. Essas duas opções, mais a montagem de um personagem com o perfil do trabalhador escravo, o “Zé” (53%), são materiais que exploram o visual, com imagens, figuras ou ilustrações. A dinâmica da entrevista de um migrante foi apontada por 40% dos questionados e na opção Outros (33%), foram citadas as cartilhas e os folhetos produzidos pelo programa, o livro digital²⁸ e as músicas.



Figura 4 – Vídeo reproduzido na formação do ENP! em São Luís.

Fonte: www.escravonempensar.org.br

Nas conversas informais durante a observação participante, uma educadora comentou considerar o ciclo do trabalho escravo “o eixo condutor de toda a formação”. Natália Suzuki, em entrevista, também apontou essa importância do ciclo como material que os agentes multiplicadores muito elegem em suas ações de multiplicação e ressaltou como sendo um dos possíveis motivos para isso, o fato do mesmo ser “muito visual”.

²⁸ Na página do ENP! na internet, foi lançado em abril de 2015 o livro digital *Escravo, nem Pensar!* – uma abordagem contemporânea sobre trabalho escravo na sala de aula e na comunidade (<http://escravonempensar.org.br/livro/>). Nesse livro, o trabalho escravo contemporâneo é abordado por meio de recursos interativos e multimídia.

O ciclo do trabalho escravo é algo que os formadores e os agentes multiplicadores utilizam muito pra repassar o conteúdo do trabalho escravo pro seu público, seja ele outros professores ou alunos. Porque ela é uma dinâmica muito simples, ela é muito visual, e ela é muito resumidora de todo o conteúdo a respeito do tema do trabalho escravo. O ciclo do trabalho escravo, com as tarjetas, consegue contar a partir de uma narrativa muito simples, como é que se dá o processo de submissão do trabalhador a condições degradantes. Então, ela consegue colocar o foco não somente no momento que o trabalhador é submetido ao trabalho escravo, mas ela dá atenção a esse problema de forma mais processual. Porque que ele chegou até lá... como que ele chegou até lá...como que ele sai dessa situação...como, possivelmente, ele retorna e como não retorna a essa condição de vítima...Então, o ciclo do trabalho escravo consegue, de uma forma bastante simples, trazer essa complexidade narrativa do fenômeno do trabalho escravo. Então, a gente nota nos relatos das formações, nas fotos que a gente vê, que esta é uma dinâmica que, recorrentemente, é replicada quando a gente não está lá com o público alvo dos agentes multiplicadores. (Natália Suzuki em entrevista, 01 de março de 2016).

O ciclo do trabalho escravo, como o nome já bem explica, narra todo o processo do trabalho escravo, desde a condição de vulnerabilidade socioeconômica – que, mesmo entrando no ciclo, não diz respeito a uma ação, mas a uma circunstância ou estado que explica o porquê dos trabalhadores se sujeitarem ao trabalho análogo ao escravo – até o recebimento das multas rescisórias e do seguro desemprego, passando pelas etapas da migração, do trabalho, da fuga, da denúncia aos órgãos de fiscalização e do resgate. Nas formações, o ciclo é também montado de maneira processual; à medida que esse ou aquele determinado assunto vai sendo falado, acrescenta-se ao ciclo a imagem ou figura que corresponde ao mesmo. Por isso mesmo que as oficinas e/ou formações tratam, não tão somente, do trabalho escravo, mas também de assuntos que lhes são correlatos e que, de certa forma, o explicam e são necessários para que se compreenda porque ele existe e porque deve ser erradicado. A figura abaixo mostra o ciclo do trabalho escravo já montado. Como se pode ver, é ilustrativo e imagético, e acaba por sintetizar em imagens toda a complexidade do tema.



Figura 5 – Dinâmica do Ciclo do Trabalho Escravo

Fonte: www.escravnempensar.org.br

Num desdobramento à pergunta sobre os materiais a serem “melhor aproveitados”, eles responderam o porquê de suas escolhas (a dinâmica do ciclo e os vídeos). Quase que, de maneira unânime, citaram em seus argumentos o elemento visual, justificando que esse mostra de maneira mais clara o assunto, tornando a abordagem mais dinâmica. Alguns, ainda, argumentaram que o livro traz a fundamentação do tema, enquanto que a entrevista ao migrante contextualiza com uma situação real.

Num segundo desdobramento e a fim de corroborar o que foi apontado na questão há pouco tratada, questionou-se, ainda, se já haviam realizado alguma multiplicação e que, em caso positivo, relatassem quais materiais aproveitaram da formação do *ENP!*. Dos entrevistados, 93% responderam já terem realizado uma formação com o tema do trabalho análogo à escravidão e que todos utilizaram os vídeos no trabalho de multiplicação.

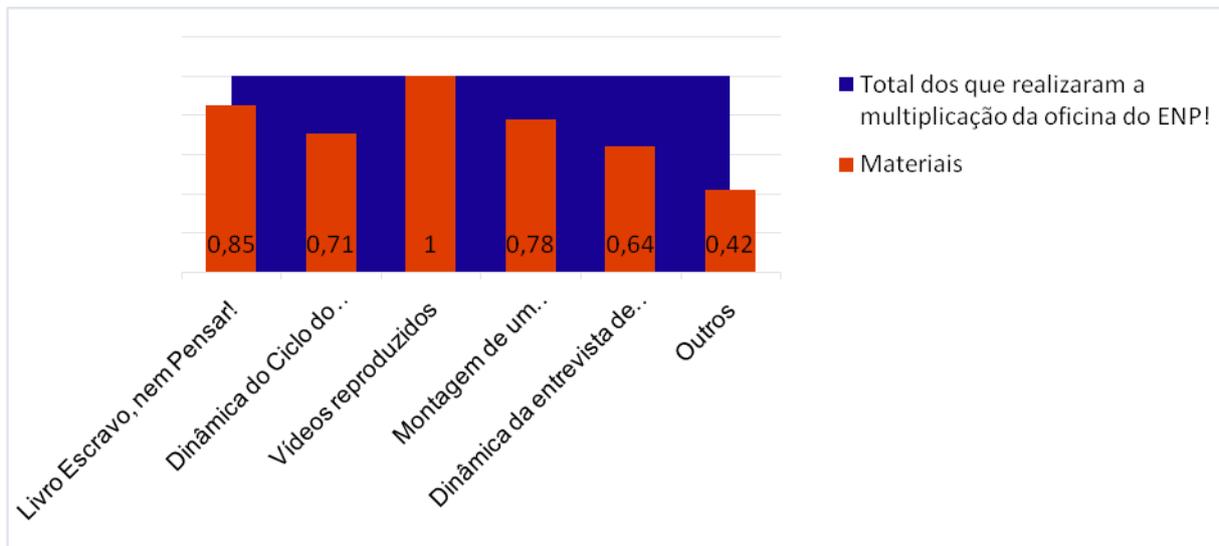
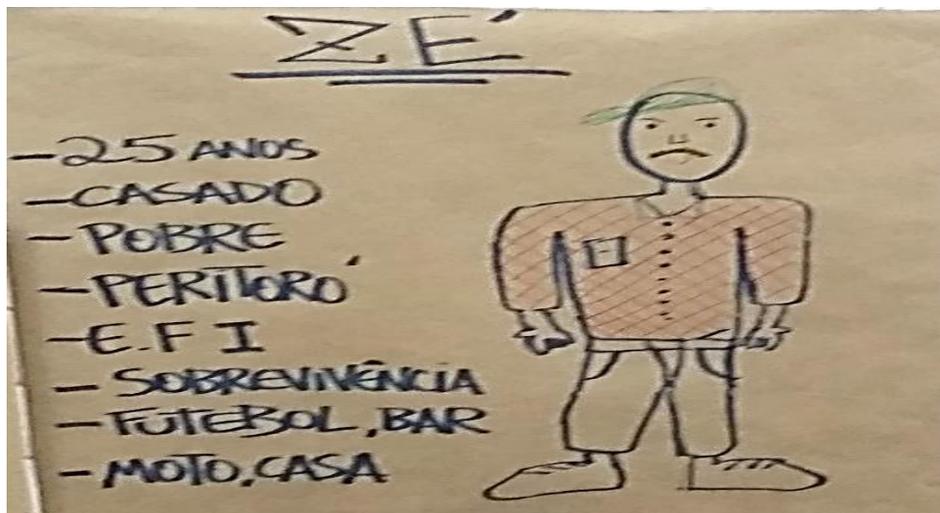


Figura 6 – Materiais utilizados pelos formandos na multiplicação da temática do trabalho escravo. - Fonte: pesquisa de campo

Em síntese, do total de respondentes que já haviam tido a oportunidade de realizar uma multiplicação da oficina do *ENP!*, 100% deles utilizaram os vídeos na abordagem e propagação do tema; em número ainda expressivo, muitos fizeram uso do Livro *ENP!* (85%); 78% utilizaram a montagem de um personagem com o perfil do trabalhador escravo, o “Zé”, e 71% fizeram uso da dinâmica do trabalho escravo. Ainda, 64% disseram ter utilizado a dinâmica da entrevista a um migrante. Na opção Outros, com 42%, foram citadas as músicas,

os fascículos, o livro digital e a vinheta²⁹ do aliciamento.

Figura 7 – Montagem de um personagem com o perfil do trabalhador escravo, “o Zé”.
Fonte: foto tirada pela autora na formação do ENP! em São Luís



Outro ponto interessante é que, mais uma vez, percebe-se uma predileção pelos recursos com linguagem visual, imagética. A questão ainda solicitava que os participantes contassem como foi a interação com o público da formação. Alguns relataram que os vídeos impactaram bastante, pois mostravam mesmo o que ocorria em situações reais de trabalho escravo, e que alguns participantes chegaram a perceber casos de trabalho escravo que estavam ou estiveram bem próximos do seu círculo de convivência.

Questionados se antes da oficina do *ENP!* eram capazes de reconhecer situações de trabalho escravo, 60% dos entrevistados responderam que não e, de maneira unânime, todos relataram em posterior questão que a formação lhes forneceu subsídios para conhecimento e reconhecimento de situações de trabalho escravo. Um ponto que chamou a atenção, ainda, foi que alguns corroboraram em suas falas uma impressão já observada: a confusão que antes se fazia entre trabalho escravo e infrações trabalhistas. Disseram que a formação lhes deu subsídios para saberem diferenciar as duas problemáticas citadas e que agora têm o olhar mais atento a situações com características de trabalho degradante. Outros ressaltaram, mais uma vez, a importância dos vídeos no papel de esclarecer todo o quadro

²⁹ Vinheta pode ser um filme, um som, ou um texto, geralmente curto, que serve para identificar uma emissora de rádio ou TV, ou mesmo para fazer chamada a algum produto ou serviço ou a uma personalidade. A vinheta do aliciamento é uma chamada de rádio, na qual se divulga a oferta de serviço em fazendas e na construção civil, com a promessa de que o trabalho e o salário são bons e que o patrão já deixa dinheiro adiantado com a família do trabalhador.

complexo de aspectos que configuram um caso de escravidão contemporânea, pois esses mostram as condições a que são sujeitos os trabalhadores escravizados.

A pesquisa mostrou que os recursos utilizados pelo *ENP!* têm alcançado boa receptividade no seu trabalho de disseminar o conhecimento acerca da problemática do trabalho escravo moderno e de sensibilizar para a tarefa de multiplicação do mesmo. As operações de coleta de dados revelaram uma predileção pelos materiais com linguagem imagética, mas mostraram também que, de um modo geral, todos os materiais produzidos pelo programa têm boa aceitação e que os multiplicadores, dentro da sua realidade, da sua rotina, têm considerado a dinâmica de abordagem da problemática do trabalho escravo pela equipe do *ENP!* e a têm adequado para o seu público e comunidade.

Pelo afastamento ou pela aproximação, o público das formações identifica-se com a temática ou porque vê nas características do trabalho escravo ali elencadas aspectos de uma relação de trabalho degradante, da qual já tinha visto serem vítimas seus parentes, seus alunos, os pais dos seus alunos, ou porque busca referências em situações que lhe parecem de trabalho escravo, de maneira a marcar as diferenças entre as duas e, então, compreender a primeira.

É na linguagem que envolve uma interação face a face e que abusa de recursos imagéticos, que o formando constrói sentidos para os conceitos de trabalho escravo que povoam a sua mente; e com essa linguagem, ele diz ficar mais clara a complexidade do tema. O público do *ENP!*, professores e líderes comunitários – na delimitação da nossa pesquisa, professores da rede estadual de ensino do Maranhão – é aquele que não é apenas chamado a saber o que é trabalho escravo, mas a propagar essa informação, sendo chamados a serem braços na luta contra o trabalho degradante.

A identificação que aqui se empreendeu entender, que é a identificação a partir da linguagem, tem a ver também com o íntimo questionamento dos educadores: quais recursos melhor auxiliam no entendimento da ideia desse tema? Tem-se a preocupação em construir sentidos a respeito do tema para si mesmo, mas também se tem a responsabilidade em perceber o que melhor explicará as ideias para o outro (se a linguagem em vídeo, em gravura, em texto escrito, em música etc.), de forma que os públicos das multiplicações também possam construir seus sentidos acerca da temática.

5. Considerações Finais

O conceito de trabalho escravo está sob ameaça de ser esvaziado; o que representa um retrocesso para as conquistas até então empreendidas no combate a esse crime. Desde 1995, tramita Proposta de Emenda Constitucional (PEC) que prevê a expropriação de propriedades, sem qualquer indenização a seus donos, onde forem encontrados casos de trabalho escravo. Tais propriedades seriam destinadas à reforma agrária e/ou a projetos de habitação urbana. Entre engavetamentos e desengavetamentos, passaram-se quase 20 anos e só em 2014 é que a PEC foi aprovada. No entanto, essa conquista não tornou o fardo mais leve para os movimentos que encabeçam a luta contra as formas modernas de trabalho escravo, pois a aprovação da PEC foi feita sob o ardid de que em sua regulamentação, a definição do Artigo 149 do Código Penal Brasileiro, que trata do conceito de trabalho escravo, deveria ser revisto; a proposta da bancada ruralista consiste em retirar da definição atual os elementos condições degradantes e jornada exaustiva. A sociedade civil organizada segue pressionando o poder público para que a luta pela erradicação a esse crime torne-se uma Política de Estado.

A pesquisa ora apresentada foi realizada, em parte, porque se acredita que o pesquisador tem uma função social a cumprir, ciente de que a universidade é um espaço (não o único) de discussão das problemáticas sociais e onde, por diversas vezes, foram articulados importantes movimentos na luta pela transformação social. Faz-se necessário que a comunidade científica continue sendo palco de discussões produtivas e com vistas à superação de mazelas que assolam a vida de diversos homens e mulheres, a exemplo do trabalho escravo contemporâneo e de tantas outras.

O estudo empreendido procurou destacar a atuação de um grupo que tem por missão propagar e difundir o conhecimento acerca da problemática do trabalho escravo contemporâneo, no intuito de engajar comunidades vulneráveis na luta contra esse crime.

Na busca por responder ao problema de pesquisa, o qual seria perceber como os públicos das formações se identificam com a temática do trabalho escravo contemporâneo a partir das representações disseminadas pelo *ENP!*, procedeu-se à interpretação dos dados colhidos; algumas das primeiras observações elencadas dizem respeito à produção de sentidos acerca da temática. Na oficina de formação, percebeu-se que a condução da abordagem é feita de modo que não se fala de imediato em trabalho escravo, o nomeando e o conceituando, pois

como em muitos locais, situações de exploração acabaram por ser naturalizadas, há um cuidado (e isso também fora confirmado na entrevista com Natália Suzuki) em primeiro sensibilizar para o tema, iniciando com assuntos que vão acabar sugerindo a discussão sobre o trabalho escravo (a exemplo do tema migração), buscando fazer conexão com a realidade local e com o conhecimento prévio daquele público. Observou-se que a construção dos sentidos acerca da problemática ia sendo construída na relação diferente/semelhante, afastamento/aproximação; a própria dinâmica de abordagem do *ENP!* abre espaço para que essa construção seja gradual, relacional e, por conseguinte, emancipatória, uma vez que a ideia é que esses públicos, dentro das suas rotinas, insiram o debate e propaguem a temática do trabalho escravo entre seus alunos, entre seus colegas de profissão, entre sua comunidade.

Durante a sondagem sobre a identificação do público da formação com as representações do trabalho escravo contemporâneo, ficou flagrante uma predileção pelos materiais que continham linguagem visual e imagética. Apesar disso, os materiais, sejam em linguagem escrita, visual ou sonora, revelaram ter boa aceitação entre o público, sendo a maioria (dos que foram elencados quando da aplicação dos questionários), em maior ou menor grau, aproveitada pelos educadores quando da multiplicação da oficina. E quando perguntados se o conteúdo da formação tinha lhes fornecido requisitos para conhecimento e reconhecimento de situações de trabalho escravo, responderam positivamente; alguns chegaram a relatar, inclusive, que antes da formação confundiam trabalho escravo com infrações trabalhistas, outros, que tinham um conhecimento muito superficial sobre o assunto. Nesse sentido, as representações do trabalho escravo contemporâneo, propagadas pelo *ENP!*, provocam a identificação com os públicos, uma vez que estimulam a produção de sentido em torno da problemática, lhes permitindo fazer comparações, estabelecer relações com o que se aproxima e/ou com o que se distancia e, por fim, conhecer e reconhecer situações que envolvam o problema.

Tudo isso faz lembrar um conceito de comunicação que essa pesquisa acredita ser o que melhor dá conta da complexidade que envolve o processo comunicativo, o qual seja:

“[...] a comunicação compreende um processo de produção e de compartilhamento de sentidos entre sujeitos interlocutores, realizado através de uma materialidade simbólica (da produção de discursos) e inserido em determinado contexto sobre o qual atua e do qual recebe os reflexos”. (FRANÇA, 2001, p. 16).

As representações do trabalho escravo disseminadas pelo *ENP!* em suas formações e a maneira como se dá a identificação com a temática configuram-se o mais

genuíno processo de comunicação: as formações (não apenas, mas também) são a reunião de sujeitos interlocutores, que produzem e compartilham sentidos em torno da problemática do trabalho escravo contemporâneo e assuntos correlatos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **2º Plano Nacional para Erradicação do Trabalho Escravo**. Presidência da República. Secretaria Especial dos Direitos Humanos. Brasília: SEDH, 2008. Disponível em: <<http://reporterbrasil.org.br/documentos/novoplanonacional.pdf>>. Acesso em: 14 out. 2015.

CASTELLS, Manuel. Paraísos Comunes: identidad y sentido en la sociedade en red. In: _____. **La era de la información: economía, sociedade e cultura**, vol. 2, Mexico: Alianza Editorial, 1998. Cap. 1, p. 27-90.

CUTRIM, Liliane Pinto. **Estratégias de Comunicação da ONG Repórter Brasil no Combate ao Trabalho Escravo Contemporâneo: análise da produção de conteúdos jornalísticos do portal de notícias sobre o Maranhão**. 2014. 107f. Monografia (Graduação em Comunicação Social) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2014.

FRANÇA, Vera Veiga. Paradigmas da Comunicação: conhecer o quê? **CiberLegenda Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense**, Rio de Janeiro, n. 5, 2001. Disponível em: <<http://www.ciberlegenda.uff.br/index.php/revista/article/view/314/195>>. Acesso em: 30 maio. 2016.

HALL, Stuart. Significação, Representação, Ideologia: Althusser e os debates pós-estruturalista. In: _____. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003. Parte 2, p. 160-198.

_____. Reflexões sobre o modelo codificação/decodificação: uma entrevista com Stuart Hall. In: _____. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003. Parte 4, p. 353-386.

_____. Codificação/Decodificação. In: _____. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003. Parte 4, p. 387-404.

_____. Identidad e Representación. In: _____. **Sin garantías: trayectorias y problemáticas en estúdios culturales**. Perú/Colômbia/Ecuador, 2010.

_____. A identidade em questão. In: _____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. Cap. 1, p. 07-22.

_____. Nascimento e morte do sujeito moderno. In: _____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. Cap. 2, p. 23-46.

_____. Globalização. In: _____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. Cap. 4, p. 67-76.

_____. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

HENRIQUES, Márcio Simeone (Org.). **Comunicação e Estratégias de Mobilização Social**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

_____. **Comunicação, comunidades e os desafios da mobilização social**, 2005. Trabalho apresentado no XVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <http://www.unifra.br/professores/rosana/marcio_henriques.pdf>. Acesso em: 29 nov. 2015.

KUNSCH, Margarida M. Krohling; KUNSCH, Waldemar Luiz (Org.). **Relações Públicas Comunitárias: a comunicação em uma perspectiva dialógica e transformadora**. São Paulo: Summus, 2007.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. Paradigmas teórico-metodológicos e pesquisa em comunicação. In: _____. **Pesquisa em Comunicação**. 9. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005. Cap. II, p. 35-70.

_____. Modelo metodológico: as instâncias da pesquisa. In: _____. **Pesquisa em Comunicação**. 9. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005. Cap. VI, p. 119-133.

_____. Modelo metodológico: as fases da pesquisa. In: _____. **Pesquisa em Comunicação**. 9. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005. Cap. VII, p. 135-156.

MAIA, Rousiley Celi Moreira. Identidades Coletivas: negociando novos sentidos, politizando as diferenças. **Contracampo Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFF**, Rio de Janeiro, n. 05, 2000. Disponível em: <http://www.contracampo.uff.br/index.php/revista/article/view/453/376>. Acesso em: 08 nov. 2015.

MARANHÃO. **II Plano Estadual para Erradicação do Trabalho Escravo**. Secretaria de Estado dos Direitos Humanos, Assistência Social e Cidadania. 2011. Disponível em: <<http://reporterbrasil.org.br/coetraes/wp-content/uploads/2014/08/Plano-Estadual-MA.pdf>>. Acesso em: 14 out. 2015.

MORESI, Eduardo. **Metodologia da Pesquisa**. Disponível em: <http://ftp.unisc.br/portal/upload/com_arquivo/1370886616.pdf>. Acesso em: 31 maio. 2015.

MOURA, Flávia de Almeida. Representações e sentidos acerca do trabalho escravo contemporâneo: um estudo sobre a campanha De olho aberto para não virar escravo e o lugar do sujeito (trabalhador escravo) na mídia. **Em Questão Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS**, Porto Alegre, v. 19, n. 2, jul./dez. 2013.

Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/26853/31055>>. Acesso em: 01 maio. 2015.

_____. **Representações do trabalho escravo a partir da mídia:** olhares de trabalhadores rurais maranhenses. Porto Alegre: PUC Rio Grande do Sul, 2015. 245f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação da Faculdade de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

PERUZZO, Círcia Maria Krohling. **Relações públicas nos movimentos sociais e nas “comunidades”:** princípios, estratégias e atividades, 2008. Trabalho apresentado no II Congresso Brasileiro de Comunicação Organizacional (II Abrapcorp), Belo Horizonte, 2008. Disponível em: <http://www.abrapcorp.org.br/anais2008/gt5_krohling.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2015.

_____. Observação participante e pesquisa-ação. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação.** São Paulo: Atlas, 2005.

POUPART, Jean. A entrevista de tipo qualitativo: considerações epistemológicas, teóricas e metodológicas. In: POUPART, Jean et al. **A Pesquisa Qualitativa:** enfoques epistemológicos e metodológicos. Vozes: Petrópolis, 2010.

REPÓRTER BRASIL. **Caderno Metodologia Escravo, nem Pensar!.** Disponível em: <www.escravonempensar.org.br/.../uploads/2013/03/1.-metodologia.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2015.

_____. **Livro digital Escravo, nem Pensar!:** uma abordagem sobre trabalho escravo contemporâneo na escola e na comunidade. Disponível em: <<http://escravonempensar.org.br/livro/>>. Acesso em: 01 maio. 2015.

SUZUKI, Natália (Org.). **Escravo nem, pensar! 10 anos:** memória e registro. São Paulo: Abril, 2014.

OIT. **Trabalho Escravo no Brasil do Século XXI.** 2006. Disponível em: <http://www.oitbrasil.org.br/sites/default/files/topic/forced_labour/pub/trabalho_escravo_no_brasil_do_%20seculo_%20xxi_315.pdf>. Acesso em: 15 out. 2015.

Links consultados:

<http://www.senado.gov.br/noticias/Jornal/emdiscussao/trabalho-escravo/trabalho-escravo-atualmente.aspx>. Acesso em: 14 out. 2015.

<http://www.cptnacional.org.br/index.pbhp/quem-somos/-historico>. Acesso em: 16 out. 2015.

<http://reporterbrasil.org.br/quem-somos/>. Acesso em: 16 out. 2015.

<http://www.sinprorp.org.br/clipping/2003/290.htm>. Acesso em: 13 jan. 2016.

<http://reporterbrasil.org.br/2015/12/pais-sabe-que-escraviza-mas-nao-a-gravidade-do-problema-diz-pesquisa-ipsos/>.